CYBERBULLYING

Wilson Aparecido Bezerra[1], Rosa Betânia Rodrigues de Castro2[2], Ana Paula Romero Bacri[3], Thais Martins Ribeiro Franco[4].

[1,3]Universidade Federal de Uberlândia/Curso de Ciências Biológicas FACIP-Campus Pontal/ [1]will-biologia@hotmail.com; [2]E.M.Machado de Assis/ rosabetaniac@yahoo.com.br; [3]anaromer@pontal.ufu.br; [4]thaisitba@yahoo.com.br.

Linha de trabalho: Tecnologia de Informação e Comunicação

Resumo

O presente artigo tem como escopo discutir o tema Cyberbullying, dentro do âmbito escolar. Pretende discorrer sobre a realidade e vivência dos alunos de ensino fundamental com essa situação em seu cotidiano, a partir dos dados coletados por meio de uma investigação realizada com os alunos das escolas públicas do município de Ituiutaba (MG). Para a coleta de dados, utilizou-se questionário e em um segundo momento analisou-se o conteúdo. Com os resultados indagamos o papel da escola ao lidar com essa temática e em conscientizar os estudantes da gravidade da prática dessa violência.

Palavras-chave: Cyberbullying, violência escolar, TIC.

Contexto do Relato

Hoje muito se fala de violência na escola, telejornais, revistas e rádios noticiam diversas ocorrências de brigas, ataques ao professor, entre alunos e ainda a depredação da escola. Contudo, temos a necessidade de indagar qual é o papel da escola e do professor na formação dos estudantes e identificar os principais fatores que influenciam na prática de reações violentas. A reflexão sobre este tema nem sempre é fácil ou tranquila, afinal envolve muitos fatores, sujeitos e visões, como pode ser observado na contribuição de Rambow e Almeida (2009) ao afirmarem que:

> Analisar o fenômeno da violência torna-se muito complexo, não apenas porque o fenômeno é multifacetado, mas, principalmente, porque nos faz refletir sobre nós mesmos, sobre nossos pensamentos, sobre nossos sentimentos, nossas atitudes. Igualmente, não é nada simples identificar a violência, pois cada um tem uma concepção e percepção para si, a partir da captação de diferentes perspectivas, o que possibilita uma infinidade de compreensões acerca da violência. Mas, ao pensá-la, há que sempre se lembrar de que a sua compreensão acompanha as mudanças através dos tempos e dos lugares (RAMBOW e ALMEIDA, 2009, p. 2919).

Desta forma, estabelecer ações que identifiquem e previnam a violência em suas diversas formas de manifestação dentro do espaço escolar se configura em um grande desafio para professores e profissionais da Educação. Parte da dificuldade encontra-se no fato de a escola abrigar indivíduos com diferentes concepções ou visões do que vem a ser um ato de violência contra o outro, ou seja, brincadeiras para alguns são gestos agressivos aos olhos de outros. Neste contexto, a performance do professor, dentro de sala de aula, junto aos alunos cujas posturas são agressivas aos demais ou pelo menos são assim percebidas por seus pares é fundamental para estabelecer um diálogo reflexivo que leve o grupo (agressores e agredidos) a começar a adotar uma postura mais crítica e consciente sobre seus atos. Não seria esta uma das funções da ação docente e da escola?

Partindo de tais pressupostos, identificamos um paradoxo. Este se caracteriza na tendência da escola absorver a inclusão digital e suas expansões para a realização de atividades corriqueiras de sala de aula com a inclusão das novas tecnologias como, por exemplo, *smartephones*, *tablets* e *notebooks*. Ferramentas estas encontradas frequentemente nas mãos dos estudantes, e por meio dessas ferramentas é possível observar a interação aluno-aluno livremente tanto dentro da escola quanto fora dela. Porém, ao mesmo tempo que o aluno se serve destes equipamentos para fazer as propostas pedagógicas de pesquisa ou estudo conforme orientações do professor, alguns alunos aproveitam-se da oportunidade e praticam "brincadeiras" nem sempre aceitáveis com colegas. Aparece no cenário uma nova modalidade de bullying que é um termo da língua inglesa (bully = "valentão") que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra, realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder, agora temos o Cyberbullying, o qual é entendido simplificadamente como sendo " a prática realizada através da *internet* que busca humilhar e ridicularizar os alunos, pessoas desconhecidas e também professores perante a sociedade virtual" (RODRIGUES, 2015).

Segundo o site Câmara dos Deputados (2013) que divulgou uma pesquisa de Cleo Fante, destacou que o bullying feito pela *internet*, é mais frequente que a prática ao vivo. Pesquisa feita nas cinco regiões brasileiras, em 2009, com apoio da organização não

governamental Plan Internacional, mostra que 17% dos alunos estavam envolvidos em bullying dentro do ambiente escolar e 31% em Cyberbullying (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013).

Assim surge a importância da investigação e orientação dos estudantes de como utilizar essas ferramentas tão naturais em sua vida social evitando a prática desse e de outros tipos de violência. Neste sentido, faz-se necessário identificarmos que tipo de violência o Cyberbullying se enquadra, uma vez que o tratamos e consideramos uma forma de violência possível de se fazer presente entre os jovens dessa era tecnológica. De acordo com Abramovay, Avancini e Oliveira (2006), existem três níveis de violência:

> A violência pode ser dividida em três níveis: violência (que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes e vandalismos, e sexual), incivilidades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito) e violência simbólica ou institucional compreendida, entre outras coisas, como desprazer no ensino, por parte dos alunos, e negação da identidade e da satisfação profissional, por parte dos professores (ABRAMOVAY, AVANCINI e OLIVEIRA, 2006, p. 30).

Nessa perspectiva incluímos o Cyberbullying como incivilidades, mas entendemos ainda, que a identificação desta violência e de outras dentro de instituições ainda esbarra na indisciplina. Fato que implica em que grande parte da tolerância do professor vem com a expectativa de que ao informar aos pais do aluno sobre suas atitudes, os mesmos irão lidar com essa situação de forma adequada ou procurar um tratamento psicológico adequado. A indisciplina, também é conhecida como desordem ou desobediência, se caracteriza oposta a um processo ou ação que contrarie a disciplina (NAIFF, 2009). A escola utiliza muitas vezes de recursos que favorecem a disciplina (proibição de utilização do celular em aula ou utilização do boné, por exemplo), portanto, comportamentos indisciplinados geram manifestações para recuperar a ordem perdida. A utilização de prática disciplinar gera um desgaste nas relações transformando atos de desobediência em violência (NAIFF, 2009). Então:

> É, portanto, necessário ampliar e refletir sobre o conceito de violência, levando em conta as várias manifestações sobre a questão, seus atores, suas vítimas, seus discursos, presumindo que a violência além de destruir fisicamente, ela devasta moralmente, mexendo com a subjetividade dos envolvidos. Violência é um termo multifacetado, cujo significado muda ao longo da história e assume diferentes acepções entre as sociedades. Sob a cobertura da palavra, abrigam-se desde situações corriqueiras, consideradas normais, até atos que atentam contra a vida. A percepção de que uma escola é violenta manifesta-se no discurso de professores,

> diretores e demais funcionários. Esta expressão dá-se quando o cotidiano escolar é descrito como um clima conflituoso, onde as relações sociais são muitas vezes tensas e de pouco respeito e onde prevalece a falta de diálogo, transformando a escola em um local não de prazer e alegria, mas de sofrimento (RAMBOW e ALMEIDA, 2009, p. 2923).

Todos os conceitos de violências são necessários para identificarmos a tão grande intensidade do Cyberbullying na realidade escolar que, na maioria das vezes, é praticada dentro da escola ou em momentos de trabalhos em grupo que incentivam o uso da *internet*. Dentro deste contexto nota-se que o acesso à informação pela *internet* está a cada dia mais avançado, crianças têm acesso a todos os tipos de leituras ou mídias sem nenhum tipo de restrição. Assim, a formação de grupos em redes sociais reproduzem essas informações em quantidades significativas tendo como resultado o incentivo à reprodução de atos violentos devido à repercussão do grupo, gerando experiências positivas ou negativas como o Cyberbullying, gerando assim várias possibilidades de violência. Os praticantes insultam, espalham rumores cruéis sobre amigos ou familiares, mensagens instantâneas são enviadas via *internet* ou celular com *Nicknames* falsos, *blogs* são criados, e *Orkuts* criados para envergonhar os colegas e fazer fofocas, montagens de fotos sem consentimento são utilizadas, há utilização de comentários racistas, piadinhas (FANTE e PEDRA, 2008). Então, de acordo com Garbarino (2007), no site da Escola Nacional de Saúde Pública - ENSP, o caráter das crianças é construído com as experiências do dia a dia e existem crianças mais fáceis e mais difíceis de cuidar, mas a cultura e o ambiente influenciam no seu auto desenvolvimento. Contribuem também os fatores de risco que desenvolvem distúrbios de conduta, assim, conhecer o histórico de vida da criança ou do adolescente ajuda a reconhecer os motivos das ações antissociais, possibilitando assim um tratamento adequado. Mas como conseguir identificar quando o Cyberbullying está sendo executado por adolescentes e crianças?

O objetivo da pesquisa é identificar e justificar as ocorrências de violências (Cyberbullying) na escola. Tendo como pergunta geradora: As redes sociais influenciam de alguma forma no aumento desses atos rudes? Ao final é pretensão da pesquisa informar esses dados para a escola e para sociedade, a fim de estimular a reflexão a cerca do uso dessas extensões de comunicação.

Detalhamento das Atividades

Está é uma pesquisa de campo que foi realizada em uma escola da rede pública de Ituiutaba/Minas Gerais, que teve como universo os alunos do nono ano do ensino fundamental. Foi aplicado um questionário semi-estruturado aos alunos. Essa atividade foi proposta pela coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O motivo pelo qual foi proposta esta pesquisa seria para que houvesse a interação entre Bolsista do PIBID e os estudantes. Devido às discussões e articulações realizadas nas reuniões semanais do PIBID chegou-se a ideia de desenvolver a pesquisa juntamente com os alunos dos nonos anos sobre a violência e as redes sociais, pois levamos em consideração que são alunos em formação e utilizam diversas ferramentas em seu cotidiano escolar e extra-escolar relacionadas às redes sociais, trazendo assim informações diversificadas para a escola.

No decorrer do ano letivo há uma grande variedade de temas transversais que a escola aborda, dentre elas o bullying (Cyberbulliyng). Juntamente com o auxílio do PIBID foi possível tratar dessa temática com aulas expositivas e passeatas contra o bullying. Com o intuito de obter informações sobre essa violência em redes sociais foi aplicado um questionário semi estruturado para 5 alunos de 4 salas de nonos anos, por meio do qual obtivemos os dados necessários para contribuição da pesquisa.

A adesão dos participantes da enquete foi voluntária e se deu por amostragem aleatória. O intuito era estabelecer um diagnóstico preliminar sobre a temática e seu contexto na realidade desta escola em específico. Os questionários auxiliaram a identificar melhor a situação. Após a aplicação dos questionários, os mesmos foram tabulados e analisados de forma quanti-qualitativa.

Os alunos responderam o questionário em sala de aula no período matutino. Todas as questões eram de fácil entendimento na qual três delas eram de assinalar e uma questão aberta para que o aluno pudesse justificar anonimamente se já havia sofrido Cyberbullying. As outras questões eram relacionadas ao uso de aparelhos com *internet*, *tablets*, celulares, *notebooks* e computadores de mesa e ainda questionamos quais redes sociais mais utilizavam.

Análise e Discussão do Relato

Conforme a análise das respostas obtidas nos questionários foi possível identificar que 95,0 % dos estudantes têm acesso à *internet*, utilizando-a diariamente e os demais, 5,0% dos alunos, utilizam dessa ferramenta, entretanto apenas algumas vezes por semana ou por mês. Com a ausência da atuação da família no momento das informações acessadas, as crianças podem levar material inadequado para a escola. Como a diversidade de informações, textos, vídeos é muito grande, a falta de orientação e monitoramento por parte dos responsáveis pode implicar em uso inadequado do recurso e acesso a sites inapropriados à idade e maturidade do aluno (criança). Movidas pela a excitação das descobertas a criança leva tais matérias para a escola e compartilha com os colegas. Este fato pode se dar de forma inocente e sem maiores implicações ou pode alimentar agressões a alvos já eleitos dentro da escola para prática do bullying ou do Cyberbullying.

Um segundo questionamento é feito para que saibamos quais os aparelhos que são utilizados por esses estudantes para o acesso à *internet* em seu dia a dia. Foi identificado que 90% dos alunos utilizam os seus celulares para obter o acesso à rede fora de casa e na residência. 20% deles utilizam *tablets*, 20% utilizam *notebook* e 30% também utilizam computador de mesa como ponte de acesso. 10% utilizam só o computador de mesa. Após percebermos que grande parte dos alunos utilizam a rede questionamos se eles utilizam as redes sociais e quais são mais frequentadas, os alunos apontaram que 95% utilizam redes sociais diariamente com acesso várias vezes ao dia e 5% utilizam algumas vezes. Todos os alunos utilizam algum tipo de rede social, dentre elas em 1º lugar o *Facebook*, 2º W*hatsapp*, 3º *Instagram* e em 4º, *Twitter*. Tais constatações evidenciam que os alunos do Ensino Fundamental da atualidade não só têm acesso à rede mundial de informação como fazem uso delas em uma ampla diversidade de equipamentos e espaços (em casa e fora dela).

A grande preocupação é que não temos como controlar as informações que chegam para essas crianças, mas com a abordagem de algumas temáticas sobre o bullying orientamos os estudantes que isso é um crime e, assim, ao identificarem esse ato nas redes sociais que façam suas denúncias ou mostrem para um adulto. Atitude que não só protege os outros como também a própria criança usuária do recurso contra ações de pessoas não idôneas que se escodem sob falsos perfis para terem acesso fácil a adolescentes e crianças.

Frisando esse polêmico tema guardamos um espaço no questionário para que os alunos discorressem se já foram vítimas do bullying virtual (conhecido também por Cyberbullying) ou se presenciaram essa atitude. As respostas mostram que 45% desses alunos já viram nessas redes sociais algum tipo de bullying tais como: adultos dizendo palavras violentas ou obscenas, preconceitos raciais e xingamentos.

Todas essas informações positivas ou negativas atingem o cotidiano da escola, contribuindo assim com a formação da personalidade da criança e o professor acaba sendo o mediador dessa interação sociedade e escola.

Considerações

Portanto, concordamos com a teoria de Fante e Pedra (2008) que o papel da escola é a orientação dos alunos sobre a responsabilidade e ética ao utilizar as tecnologias eletrônicas, mostrar para os alunos o quão prejudicial é esse ato, com depoimentos vividos e ainda orientar os pais ou responsáveis de como investigar se seus filhos praticam isso, com o acompanhamento de mensagens recebidas no email ou celular e em páginas de redes sociais. A escola ainda pode discutir sobre os cuidados sem fornecer dados, fotos e arquivos para desconhecidos. Lembrar aos alunos que existem leis que punem ações como crime contra a honra e difamação que estão no Código Penal.

A pesquisa foi importante para o processo de formação como futuro professor pois houve várias contribuições como o estudo e aprofundamento sobre a temática, suas peculiaridades e ainda qual posicionamento o professor deve ter diante de alguma situação de violência, tanto pessoal como virtual, e ainda a contribuição com a pesquisa atual. Também foi possível perceber a amplitude da ação do professor para além do trabalho com o conteúdo a ser ensinado e sobre o papel social da escola e do trabalho docente.

Estudos ainda devem ser feitos sobre a temática, pois em pesquisas bibliográficas há uma defasagem de pesquisas e não podemos ficar desatentos com essas práticas no ambiente escolar.

Referências

ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M. M. P.; OLIVEIRA, H. O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. In: **UNICEF**. (Org). Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil/DF. Brasília: UNICEF, 2006. Csp. 2 p. 29-53. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf > Acesso em 22/09/2014.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Cyberbullying é mais frequente que prática ao vivo, informa pesquisadora. **Câmara dos Deputados**, 29 mai. 2013**.** Educação e Cultura**.** Disponivel em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/443622C

FANTE, C.; PEDRA, J.A. **Bullying escolar: Perguntas e respostas.** Porto Alegre**.** ISBN 978-85-363-1366-5: Porto Alegre: Artmed, 2008.

GABARINO, J. Infância violenta gera adultos com distúrbios comportamentais. **Escola Nacional de Saude Publica (ENSP)**, 25 set. 2007. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/6733>. Acessado em: 25/11/2014.

NAIFF, L. A. M. Indisciplina e violência na escola: reflexões no (do) cotidiano. In: **Anais do X Salão de Iniciação Científica** – PUCRS, 2009. Unisinos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. RS. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/4936>. Acessado em: 14/02/15.

YBERBULLYING-E-MAIS-FREQUENTE-QUE-PRATICA-AO-VIVO,-INFORMA-PESQUISADORA.html>**.** Acessado em: 14/12/14.

RAMBOW, V. ALMEIDA, S. M. A. F. Violência: Um Olhar Voltado Para a Escola. **Anais do X Salão de Iniciação Científica** – PUCRS, 2009. Unisinos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. RS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/XSalaoIC/Ciencias_Sociais_Aplicadas/Servico_Social/71468-VANESSA_RAMBOW.pdf>. Acessado em: 15/04/2015.

RODRIGUES, L. O. Cyberbullying. **Brasil Escola**. Caderno Educação, 2015. Disponível em <http://www.brasilescola.com/sociologia/cyberbullying.htm>. Acessado em: 14/05/15.